

## **Quadrilhas.com: a internet como plataforma de folkmediação para os grupos juninos<sup>1</sup>**

Juliana Hermenegildo da SILVA<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo realiza uma análise de uma página da internet intitulada quadrilhas.com, com o intuito de demonstrar como os movimentos culturais utilizam as diferentes plataformas digitais e como esta nova modalidade está ajudando a disseminar a cultura popular nordestina. A concepção sobre Cibercultura é revisada pelo olhar de Pierre Lévy (1999) e Martín-Barbero (2014) assim como toda a revolução da sociedade dentro de uma percepção de globalização, real e virtual. As reconfigurações e apropriações realizadas pela cultura popular e utilização das redes sociais digitais e outros dispositivos pelas mesmas são norteados por José Marques de Melo (2010), Roberto Benjamim (2004) e Severino Lucena Filho (2012), com o intuito de se fazer entender os novos caminhos dos movimentos culturais e sua sobrevivência em tempos de constantes mudanças sociais.

**Palavras-chave:** Cibercultura, cultura popular, folkcomunicação, quadrilhas juninas, folkmediação.

### **Introdução**

Os primeiros indícios do que viria a ser a revolução digital e posteriormente se transformaria em sociedade da informação (período em que vivenciamos uma profusão de ideias e informações constantes em rede), eram apontados no fim da década de 1990, como já mostrava Pierre Lévy (1999).

O acesso à rede está em expansão, Martín Barbero coloca que:

A velocidade da expansão da telefonia móvel e do acesso ao correio eletrônico aos estratos mais pobres, em nossos países, marca um processo inesperado de conexão das maiorias à rede digital, as quais passam a habitar o novo espaço comunicacional a partir do qual podem conectar os territórios da emigração e com os do próprio país, compartilhando músicas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia -PPGEM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

e fotografias com seus parentes e amigos do outro lado do Atlântico e do mundo. (MARTÍN-BARBERO, 2014: p. 27)

A última pesquisa PNAD 2013 (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que 48% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet e mais da metade da população, 53,6%, acessaram através de aparelhos de celulares. As pessoas conseguem se conectar em qualquer lugar e a qualquer hora, o acesso a informação e as novas tecnologias faz parte do cotidiano do indivíduo. Segundo Roy Ascott (apud LÉVY, 1999) a internet seria o “segundo dilúvio” por conta da natureza expansiva, caótica e explosiva de seu crescimento.

Essa expansão apontada muitas vezes como caótica e sem controle não é de um todo mal, pois, tornou possível que algumas comunidades e indivíduos antes isolados ou mesmo detentores apenas de uma forma de recebimento de informações, muitas vezes da televisão aberta, pudessem protagonizar diferentes momentos e se posicionar sobre os mesmos, na maioria dos casos de forma imediata.

Através desta perspectiva podemos esperar que tudo seja sugado pela nova convergência digital: cultura, educação, política, movimentos sociais e culturais, dentre outros, estão inevitavelmente utilizando das novas plataformas como elemento de difusão de seus saberes e como forma de se manterem em contato com as diferentes esferas sociais e mundiais, participando ativamente do fenômeno da globalização.

Martín-Barbero coloca a globalização como:

A globalização apoia-se na técnica, da qual resulta uma revolução nas comunicações, com o mesmo teor contraditório: fonte de desigualdades entre setores sociais, culturas e países, mas também capaz de potencializar a associação, a participação democrática e a defesa de direitos sociopolíticos e culturais, ativando uma expressiva criatividade. (MARTÍN-BARBERO, p. 2014: p.)

A sociedade passa a ter em evidencia os atores sociais que, tecem relações entre a tecnologia e a cultura como meio para produzir e explorar a inteligência coletiva e também como forma de distribuir seus conhecimentos.

A sociedade do conhecimento se firmou e chegou as diferentes camadas sociais impondo um novo padrão de comportamento social, criando novas formas de vivências e experiências humanas, trazidas pela globalização, esta expansão entre as classes é colocada por Canclíni como:

A sociedade é concebida como o conjunto de estruturas mais ou menos objetivas que organizam a distribuição dos meios de produção e do poder

entre os indivíduos e os grupos sociais, e que determinam as práticas sociais, econômicas e políticas. (CANCLÍNI, 2009: p.39)

Cabe, pois, aos indivíduos a responsabilidade de se organizarem seguindo as tendências das estruturas sociais vigentes, como forma de se adequar ou de mudar aquilo que lhe é imposto.

A partir destes dados percebemos uma crescente virtualização de informações na vida dos brasileiros, a cibercultura ou o *bios virtual* como definiu Muniz Sodré (2002), já é um fato consolidado, a realidade foi colocada para dentro do ciberespaço e atualmente existem milhares de páginas destinadas aos mais diferentes assuntos e práticas, e alguns grupos culturais se utilizam dessas novas tecnologias para criar novas conexões, difundir sua cultura e firmar suas identidades.

Para firmar essa identidade e realizar o que Martín-Barbero (1999) classificou como “sustentabilidade cultural” as comunidades precisam passar por 3 etapas: a primeira seria a tomada de consciência sobre sua própria cultura, criando os laços de pertencimento e se colocando a frente do Estado, herdar, renovar, reproduzir e recriar a cultura que lhes pertence. A segunda etapa é a capacidade da comunidade direcionar e tomar decisões que possa conservar e renovar sua cultura, reformulando processos de políticas culturais que possam envolver os cidadãos em sua cultura e os coloquem como atores sociais para a sobrevivência da diferença cultural e por último a capacidade de interação e intercâmbio entre culturas locais e globais. Para Castells "A busca da identidade é tão poderosa quanto a transformação econômica e tecnológica no registro da nova história" (1999: p.42).

### **Cultura nordestina online**

Dentro de uma perspectiva de mudanças os grupos marginalizados também se colocam no processo de protagonistas de suas narrativas e criaram mecanismos em rede para se fazer presente em tempos de globalização.

Segundo Castells (1999: p.41) “Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social”.

Nesta concepção a construção da identidade nordestina e a difusão de sua cultura no mundo virtual se dá por meio de várias páginas que utilizam do linguajar dos diferentes estados para tratar de humor, de manifestações culturais, dentre outros, fortalecendo estas manifestações e direcionando suas potencialidades.

Canclíni coloca que:

A sociedade antes concebida em termos de estratos e níveis, ou distinguindo-se segundo identidades étnicas ou nacionais, agora é pensada com a metáfora da rede. Os incluídos são os que estão conectados; os outros são os excluídos, os que veem rompidos seus vínculos rompidos. (CANCLINI, 2009: p.92)

Hoje para existir é necessário estar conectado, fazer parte de uma rede que cresce a cada dia, os movimentos culturais se veem nesse novo sentido, impulsionado pela globalização e pela construção da sociedade do conhecimento, são fenômenos rápidos e dinâmicos que envolvem as diversas camadas sociais que necessitam inserir-se no mundo virtual.

Alguns artistas do cordel já colocavam seus trabalhos na internet na metade da década de 1990 como é o caso do poeta José Honório da Silva, que apesar de utilizar do computador e da internet como necessidade, afirmava em seus versos que não importava o meio, mas sim o objetivo principal que era o de ver pronto seu trabalho e que os leitores pudessem ver sua cultura e sua arte como vemos abaixo nos versos do cordel:

#### O marco cibernético construído em Timbaúba

*Não importa qual via / o verso chegue ao leitor  
se impresso em tipos móveis / fax ou computador  
importa sim, que traduza / um espírito criador.*

*Sendo assim vou digitando / os versos neste teclado  
e após das uns retoques / pra ficar do meu agrado  
faço, refaço e altero, / somente o que julgo errado.*

*Já concluído o trabalho / devidamente editado  
em Ventura ou Page Maker / o verei concretizado  
do micro pra impressora / num instante é transportado.*

*Se tenho poucos recursos / faço pequena edição  
distribuo com aquele / que tem admiração  
pela arte popular/ e reserva a tradição.*

(José Honório da Silva apud BENJAMIM, p. 79)

Nos versos do cordelista neste modelo apresentado por Roberto Benjamim (2000), podemos perceber que os movimentos populares se moldaram ao novo modelo de interativismo e difusão de conteúdo na internet, a cibercultura chegou as camadas populares produtoras das tradições. Coube aos detentores destas tradições se adequarem as novas perspectivas destas ferramentas, como uma maneira de fortalecimento dos saberes e não como uma perda de tradições, como muitos folclóricos poderiam afirmar.

Canclíni (2009) já coloca estes avanços dos movimentos culturais em rede como uma forma de se manterem conectados e de existirem neste novo espaço de cibercultura, apontando este fenômeno como sociedade do conhecimento.

A diversidade reaparece, assim, no núcleo do projeto de sociedade do conhecimento. É o componente que a distingue da sociedade da informação e o ponto no qual se articulam a problemática da conexão. Podemos conectar-nos com os outros para obter informação tal como o faríamos com a máquina provedora de dados. Conhecer o outro é lidar com a sua diferença. (CANCLÍNI, 2009: p.241)

Percebemos uma articulação dos movimentos culturais para compreender as mudanças existentes nesta nova concepção de sociedade, buscando uma vivência com as diferenças de cada um proporcionando uma sustentabilidade e um desenvolvimento nas regiões que eram tidas como isoladas antes do advento da internet.

Assim como o cordel de José Honório outras manifestações culturais passaram a utilizar as plataformas digitais como meio de se manter presente nestas mudanças. Os festejos de São João ou festas juninas são uma das manifestações que buscam se adequar e se renovar anualmente, realizando uma reinvenção e revitalização da cultura popular.

As festas juninas surgiram segundo Lucena Filho (2012) no Egito, onde cultuavam o sol e a fertilidade que também eram símbolos da colheita, e seguida esse ritual foi incorporado por romanos e difundiu-se pelo continente europeu, com grande ênfase em Portugal e Espanha. O desenvolvimento das festas juninas aconteceu associado ao solstício do verão europeu que acontecia entre os dias 22 e 23 de junho, já no Brasil ocorre durante o solstício de inverno. Estes festejos estavam ligados a fertilidade da colheita e do homem. Tais manifestações foram trazidas pela corte portuguesa para o Brasil e teve grande expansão nas zonas rurais e principalmente na região Nordeste, onde se implantou em diversas cidades como Mossoró/RN, Campina Grande/PB e Caruaru/PE festejos grandiosos.

O crescimento dos festejos juninos no Nordeste fez com que os demais símbolos também buscassem se modificar e se estabelecer e as quadrilhas juninas entraram no universo da convergência e da cultura digital para propagar seus trabalhos e sair do

universo local do Nordeste para o mundo, saiu do espaço rural e se espalhou também nas grandes cidades.

As quadrilhas juninas eram a princípio danças da corte portuguesa, mas depois se espalhou pelas classes populares e posteriormente se instalou na região Nordeste do Brasil tornando-se um dos símbolos dos festejos juninos.

A quadrilha se destaca por ser um dos símbolos mais constantes no evento do ciclo junino. Esta dança chegou ao Brasil trazida pelos portugueses. Era dança de elite, formada nos salões dos palácios. Depois desceu as escadarias e caiu no gosto popular, ao longo do tempo vem sofrendo várias modificações estéticas, musicais e coreográficas, as quais resultaram no formato contemporâneo produzido para participar de competições e batizado como quadrilha estilizada. (LUCENA FILHO, 2013: p.34)

A quadrilha é, portanto, o elemento dos festejos juninos que mais sofre mudanças, desta maneira podemos verificar e apontar uma infinidade de características que mudam e se reinventam dentro destes grupos, o principal deles já identificado por Lucena Filho (2013) a roupa e a divisão em grupos tradicionais e grupos estilizados.

No universo dos festejos juninos existe um crescente de páginas de internet e de redes sociais digitais sobre as principais festas realizadas no Nordeste e também dos grupos juninos, estas ferramentas servem como difusor das lutas constantes contra a estagnação destas quadrilhas e do movimento junino. As páginas no geral diferem em seus conteúdos, relatam sobre as atrações, os grandes festivais, os trabalhos dos grupos juninos e também para trocas de experiências.

#### **Folkmediação no site *Quadrilhas.com***

A página intitulada [www.quadrilhas.com.br](http://www.quadrilhas.com.br), que se denomina como “ A Central das Quadrilhas Juninas e dos Quadrilheiros” é uma página que serve como um grande “classificado junino”. Funciona como jornal informativo sobre diferentes conteúdos, e está dividida em uma página inicial, nove categorias, e um aplicativo para celular, convergindo com os links que direcionam para outras plataformas e redes sociais como facebook, skipe, msn e whatsapp.

Em sua página inicial verificamos fotografias de diferentes grupos dos mais diversos estados, não se limitando somente ao Nordeste, imagens disponibilizadas por quadrilhas juninas de diversos lugares e regiões, quadrilhas pequenas, grandes, estilizadas e tradicionais são representadas.



Figura 1 página inicial quadrilhas.com

A página na web é mantida pelo grupo junino Moleka 100 vergonha da cidade de Campina Grande/PB em conjunto com a Associação das quadrilhas juninas de Campina Grande (Asquaju-CG), que juntamente com produtores e artistas disponibilizam trabalhos, vídeos, roupas, informações sobre festivais e festejos dos mais diversos estados do Brasil. Na página inicial são publicados conteúdos referentes aos grandes festivais em todos os estados do Brasil.

As subcategorias de figurinos, coreografia, temática, sapatos e gravação de repertório são os espaços disponíveis para profissionais de diferentes áreas como músicos coreógrafos, sapateiros, estúdios musicais, assim como músicos (sanfoneiros, zambuba dentre outros) colocarem seus anúncios para a contratação de serviços por parte das quadrilhas. Nas subcategorias de vendas de roupas as próprias quadrilhas disponibilizam seus figurinos e demais adereços para vendas e compra por outros grupos, como também possível realizar download das músicas de várias quadrilhas juninas que enviam para o site seu repertório para divulgação dos mais vários estados, é um espaço aberto para a troca de informações sobre os trabalhos desenvolvidos e todas as temáticas dos festejos juninos.

Existe também a possibilidade de download de um aplicativo criado exclusivamente para uso em celulares que permite uma interação maior com os responsáveis pela página, convergindo diferentes plataformas digitais.

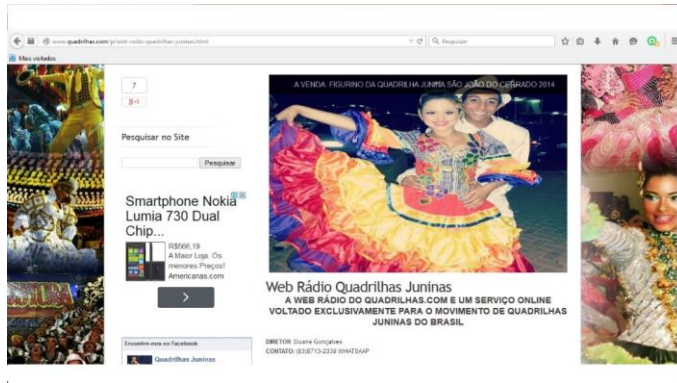


Figura 2: web rádio disponível na página quadrilhas.com

A página serve sobretudo como fonte de documentação das diferentes práticas dos mais diversos grupos juninos, ajudando-os a disseminar seus valores e suas características.

São reconfigurações e adaptações necessárias em tempos de internet, a cultura não pode se manter intacta, até porque ela é feita, construída e difundida pelo povo.

De acordo com Benjamin:

(...) o que muda, muda sempre a partir do patrimônio anteriormente construído, que permanece em parte no novo. Por outro lado, em todas as sociedades aparecem os grupos de resistência que, conscientes ou não, têm conservado através dos tempos as tradições culturais invariantes, mesmo em situações limites, de que temos exemplo de sobra na nossa própria cultura. (BENJAMIN, 2000: p.81)

Estas mudanças são importantes para os grupos realizarem intercâmbios entre os diferentes estados, para compartilhar suas experiências, suas conquistas e também como mobilização para aumentar e fortalecer as redes nas quais estão envolvidos.

Analisando esse fenômeno pelo paradigma da folkmediação a página *quadrilhas.com* cumpre o papel de mediadora entre os produtores da cultura popular para outros produtores populares e também para um público em geral que busca informações sobre os festejos juninos e especificamente as quadrilhas.

O fluxo de conteúdo da página funciona com a ajuda de diferentes agentes culturais, são eles que enviam informações para alimentar o site e também recebendo estas informações, é uma via de mão dupla, em que, agentes culturais de todos os lados se colocam como mediadores ao mesmo tempo em que produzem e reproduzem a cultura em suas regiões para outras regiões e para o mundo, pois este é o papel da internet, colocar o que é local no âmbito global como aponta Marques de Melo.

Esse cavalo de tróia engendrado pela magia da eletrônica e refinado pelas malhas da carpintaria digital se chama internet. Nas suas entranhas, vem



germinando uma nova realidade. Nela, desponta uma sociedade glocalizada, evidenciando que global e local podem coexistir dinamicamente. (MARQUES DE MELO, 2011: p.35)

Este é o ponto principal a que se destina a página *quadrilhas.com*, “glocalizar” os grupos juninos, demonstrando que mesmo estando em pontos ditos como isolados, distantes das grandes capitais, a internet permite que a cultura feita por estes grupos seja vista por todos, ou pelo menos, por aqueles a quem a cultura interessa de fato.

Para Benjamin (2004) o novo folclore precisa deter as seguintes características: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade e espontaneidade. Desta perspectiva podemos afirmar que a utilização das plataformas da internet atende a todos esses critérios e as ações desenvolvidas neste espaço é de extrema importância para que estes grupos juninos possam reinterpretar a cultura de seus estados, transmiti-las e resguarda-las, para que a dinâmica de construção e interpretação siga seu fluxo sempre agora e em gerações futuras.

O povo que faz esta cultura que se coloca como agente cultural assimilou esses novos espaços e já trabalha na consolidação da memória coletiva por intermédio da criação de sites e de páginas nas redes sociais digitais.

### **Conclusões**

O movimento junino mudou, muitas pesquisas colocaram isso anteriormente, contudo o que foi apontado por Lucena (2012) e Benjamin (2004), foram mudanças ocasionadas em virtude de um capital e de um fator midiático, hoje vivemos novas experiências na busca e construção de uma sociedade real e virtual, onde se faz necessário sobreviver nos dois espaços e tentar uni-los da melhor forma.

A internet e o mundo virtual abriu espaços para novas possibilidades para os movimentos culturais e aponto aqui as *quadrilhas juninas*, são grupos que passaram por reconfigurações em suas diferentes camadas, reinventaram suas músicas, roupas e dança como forma de mostrar ao mundo que o Nordeste pode reinterpretar sua história, suas lendas, as secas, o cangaço, e sua fé de forma lúdica, com brilho, com paetês e muito mais, como já foi dito por Benjamin (2004) tudo muda a partir de algo que já é e que o folclore e as manifestações culturais são construídos pela dinâmica do povo e portanto se move e se modifica com o povo.

A página *quadrilhas.com* é apenas uma das muitas que existem e que ajudam na disseminação da cultura nordestina e nesse papel de reconfiguração do movimento junino, foi escolhida em virtude de seu formato informativo e o mais importante, pelo papel

desempenhado pelos agentes culturais responsáveis por manter estes espaços virtuais, são eles que renovam as tradições, que modernizam, que perpetuam e realizam este intercâmbio da cultura entre o dançar quadrilha em Pernambuco e o dançar quadrilha em Roraima. É mais que o colocar o conteúdo online, é possibilitar a troca entre as diferentes culturas e a aproximação entre lugares tão diferentes, disponibilizando o que se tem nos diferentes estados do Nordeste e que são apresentados pelas quadrilhas anualmente (bumba-meu-boi, frevo, cangaço, baião, dentre outros), mas também assimilando o boi de Parintins, a congada dentre tantas festas espalhadas pelo Brasil.

Esse talvez seja o papel fundamental da página quadrilhas.com mediar essa troca permitindo que acima de tudo o Nordeste seja visto pelo Brasil e que a cultura não fique estagnada no tempo, mantendo conectados os mais diversos grupos seja tradicional ou estilizado, estado ou X ou Y.

É a utilização de novas modalidades não só como elemento apropriador, mas como algo de uso positivo saindo da ideia de alienação e excesso de informação. Ainda estamos nos primeiros passos para a utilização da internet de forma adequada. São os agentes da cultura percebendo novas perspectivas e possibilidades para a manutenção de suas identidades e culturas.

Talvez em um futuro não muito distante possamos ver nascer mais cidades juninas, mais valorização da memória e história do Nordeste e que o crescimento destes festejos e dos disseminadores dos mesmos, mantendo e melhorando essa relação existente com a internet e as novas plataformas midiáticas.

### **Referências**

Matéria publicada no jornal: <http://tribunadoceara.uol.com.br/diversao/cultura/temporada-de-quadrilhas-juninas-traz-consigo-a-alegria-da-tradicao-nordestina-dos-arraias/> acesso em 13 de junho de 2015.

BENJAMIN, Roberto. **A nova abrangência da Folkcomunicação**. PCLA – v.1, número 1, nov/dez. 1999.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore. 2004.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB. 2000.

CANCLÍNI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3ª ed. Editora UFRJ, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 6.ed. vol.1.

MARQUES DE MELO, José. **Cidadania Glocal, identidade nordestina: Ética da comunicação na era da internet**. Campina Grande: Latus, 2011.

MARTÍN-BARBERO. **Diversidade em convergência**. Matrizes. v.8, nº2, jul./dez. 2014, São Paulo, p. 15-33.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**: tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **Festa junina em Portugal: marcas culturais no contexto de folkmarketing**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

\_\_\_\_\_. **A festa junina de roupa nova: uma análise dos figurinos das quadrilhas estilizadas sob o olhar da folkcomunicação**. RIF, Ponta Grossa/PR. vol.11, número 23, p.30-43, mai/ago. 2013.

SODRÉ, Muniz. **A antropológica do espelho: uma teoria linear e em rede**. 2ª ed. 2002.